

A cidade como campo de pesquisa (apresentação)

Pensar a cidade como lugar de investigação do qual brotam muitas possibilidades analíticas de manifestação de relações sociais constitui o objetivo principal deste dossiê que tomou como referência empírica cidades brasileiras, estendendo-se também a estudos feitos em espaços urbanos portugueses como de Lisboa e Almada. As formas de investigação apresentadas nas diversas contribuições são variadas, evidenciando as possibilidades do exercício etnográfico fora de seus marcos convencionais, assim como as lógicas espaciais de caráter mais estrutural que acompanham os estudos que se efetivam na cidade.

Uma sociologia espacializada que caracteriza o conjunto dos artigos pensa a cidade tanto do ponto de vista de sua totalidade, como referindo-se a partes específicas do contexto urbano nas quais observam-se intervenções materializadas em projetos ou indisciplinas que atestam o caráter dinâmico dos usos citadinos. Noções como tensões ou conflitos tornam-se presentes nos artigos, atestando o princípio da cidade como projeção de diferentes processos temporais e espaciais.

Tendo por base pesquisas recentes, de abordagem sócio antropológica, o artigo de Vera Telles, que dá início ao dossiê, busca decifrar como duas linhas de força, provenientes das lógicas de mercado e das formas de controle, são territorializadas, circunscrevendo campos de tensão e de conflito dotados de formas e sentidos. A autora explora a mercantilização de espaços e territórios urbanos com suas formas de controle e gestão militarizada. O caráter estrutural e ao mesmo tempo específico dos territórios analisados, circunscritos a São Paulo,

aponta possibilidades interessantes para se pensar processos mais amplos de conformação dos espaços que podem ser pesquisados em outras cidades. Trata-se também de uma perspectiva que, sem eliminar a presença de atores e suas possibilidades de atuação no contexto urbano, prioriza as negociações e imposições que formam o tecido das cidades, os lugares de ilegalidade e suas marcas de tensão entre o vivido e o permitido.

Supondo a ilegalidade menos pela lógica da indisciplina e mais no âmbito das oportunidades de usos criativos do espaço, o artigo de Glória Diógenes baseia-se em um estudo etnográfico sobre artes de rua em Lisboa. Fruto de pesquisa baseada em observação presencial e análise de comunicação em redes sociais, o artigo reflete sobre os desafios e limites de estudos etnográficos que têm múltiplas conexões com o ciberespaço. A autora tomou como caso exemplar a trajetória do morador denominado Tinta Crua, e sua prática de *graffiti* ilegal na zona histórica de Lisboa. Em suas conclusões, considera que “o ciberespaço acaba atuando como um palco alargado, um recipiente amplo, veloz e múltiplo das artes que inundam as paredes, muros e telas das vitrinas urbanas”.

Uma outra percepção de territorialidade urbana do ponto de vista de investimentos e projetos de intervenção encontra-se presente na pesquisa de Roselane Bezerra voltada para entender processos de patrimonialização na cidade de Almada, Portugal. Trata-se de uma cidade pós-industrial, com edifícios em ruínas, espaços degradados e instalações da indústria naval abandonadas na qual projetos de “requalificação” emergem. Partindo da interpretação dos discursos de arquitetos e gestores nos fóruns de participação, o artigo apresenta sentidos de “qualificação” e usos da cidade presentes nos projetos de intervenção urbana. Considerando a existência de modos diferentes de pensar e agir na cidade, apresenta “urbanidades em disputa”, subjacentes na concepção de “patrimonializar para qualificar os espaços e a vida das pessoas”. As diversas narrativas e planos de intervenção identificados na pesquisa dão pistas para ampliar o debate sobre políticas urbanas, limites e possibilidades de “reinvenção” das cidades contemporâneas.

A lógica discursiva de processos patrimoniais encontra-se também presente no trabalho de Francisco Willams Lopes e Iryls Barreira, analisando políticas de preservação do patrimônio designadas como “requalificação”, com ênfase nas intervenções, estratégias e práticas sociais envolvidas nas formas de intervenção. Tomando projetos realizados na Praça dos Mártires – situada no centro histórico de Fortaleza, Ceará –, o artigo analisa intervenções feitas em nome do patrimônio que buscavam a substituição de usuários por meio de rituais de entretenimento, com objetivos de atrair turistas e moradores

de classe média. Os conflitos de natureza social e simbólica decorrentes do processo de “requalificação” exprimem as dificuldades de imprimir no local novas formas de sociabilidade, pondo em pauta a questão do tempo, dos usos e da transformação dos espaços urbanos.

Uma outra lógica de intervenção na cidade advinda não de projetos emerge de práticas dissonantes exemplificadas na pichação/*graffiti*. O artigo de Zulmira Newlands Borges, Laure Garrabé e Rodrigo Nathan Romanus Dantas analisa tensões, conflitos, disputas e resistências que se efetivam na construção das visibilidades/invisibilidades dos pichadores/grafiteiros na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Os dados, na visão dos autores, indicam “uma grande efervescência semântica em torno da pichação/*graffiti*, sendo possível interpretar a cidade como um *comum* partilhado por múltiplas e discordantes percepções individuais, mais especificamente, a pichação/*graffiti* como um ponto de encontros discordantes”.

Uma espécie de “cidade pelo avesso” apresenta as múltiplas formas de uso do espaço urbano, assim como as suas apropriações legais e ilegais.

O conjunto de textos possui em comum as possibilidades de associar postulados empíricos e teóricos que transitam entre a sociologia e a antropologia. Uma abordagem etnográfica não convencional porque feita no contexto denso de situações e episódios urbanos permite o entendimento da cidade em sua diversidade. Diversidade que se encontra presente no trânsito entre o legal e o ilegal, o planejado e o vivido, a criação e a repetição; enfim, a cidade em sua feição plural que se apresenta em diferentes contextos e tempos históricos.

IrlyS Alencar Firmo Barreira
(organizadora do dossiê)